

ANAIIS



3º CONGRESSO
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

02

Maura Esândola Tavares

A fotografia como documento para testemunhar a evolução de uma cidade, é, sem dúvida, de considerável importância, principalmente na Cidade do Rio de Janeiro e, justamente, na fase histórica dos primeiros cinco decênios do século XX.

A Monarquia dentro de sua política centralizadora promoveu o progresso do Rio de Janeiro, mas não lhe deu o aspecto de uma cidade imperial, com a grandiosidade da nobreza.

A República encontra a capital ainda acanhada com ruas estreitas e antigas.

Os grandes empreendimentos ligados à evolução da cidade foram feitos pelos governos republicanos. A energia elétrica, os transportes (bonde elétrico), os automóveis, o avião, enfim, todo o incipiente progresso nessa fase começa a se expandir exigindo das autoridades medidas urgentes, no sentido de dar à cidade condições de receber o progresso.

Deste modo o que se observa na evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro é a remodelação das vias urbanas, novos transportes, novos bairros são atingidos. Modificações que foram aparecendo, aos poucos, tendo influência nos costumes do próprio povo.

Dentro deste quadro evolutivo, que começa praticamente com Pereira Passos, rasgando a Avenida Central (Av. Rio Branco) na primeira década, quando paralelamente Oswaldo Cruz promovia o saneamento, quando rasgava-se o túnel Pasmado para Copacabana. Na segunda década, já iniciado o desmonte do Morro do Castelo (1919) até a abertura da Presidente Vargas (1941) e, pouco depois, o desmonte do Morro de Santo Antônio.

Toda esta fase é documentada por Guilherme Santos. Mas a documentação fotográfica além de fixar as contundentes modificações da nossa cidade em tão curto espaço de tempo, vai muito além: testemunha os mais variados aspectos dos costumes, dando assim, oportunidade aos pesquisadores de penetrar nas variadas formas da evolução social, econômica, religiosa e até no esporte.

O objetivo desta comunicação é mostrar a importância de uma coleção de “clichês fotográficos” (placas estereoscópicas) existentes nos arquivos do Museu da Imagem e do Som, bastante desconhecida – é a Coleção Guilherme Santos, comprada pelo governador Carlos Lacerda quando da inauguração do Museu.

Trata-se, sem qualquer dúvida, de numeroso e rico acervo fotográfico, que abrange o período de 1908 a 1960. Bem nítidas e variadas fotografias que documentam:

I – Festas – Comemorações – Exposições

1. Carnaval: Av. Rio Branco em 1915
Carnaval: Corso de 1917, 1919
Carnaval: De 1922. Mascarado de 1931
2. Exposição: de 1908 na Praia Vermelha.
Exposição: Canina no Terreno do Convento de Ajuda.
Exposição: de 1922 – Centenário da Independência.
Exposição: de Automóveis em 1925.
Exposição: Comemorativa da “Fundação da Cidade” – 1950 –
Salão Assírio.
3. Finados em 1917. O Cemitério de São João Batista.

II – Modas – Tipos – Trajes

1. O povo no Largo de São Francisco – 1914 – Comércio
2. Banhistas no Flamengo, Copacabana, etc. em 1917, 1918, 1930.
3. Concurso Internacional de Beleza em 1930.
4. Vendedores Ambulantes – 1936.

III – Aspectos da Cidade – Prédios, Ruas, Praças, Monumentos

1. Monumento a Caxias – ainda no Largo do Machado
Monumento a D. Pedro I
Monumento a Floriano Peixoto
2. Destruição do Chafariz da Carioca em 1933
3. Rio Hotel – Praça Tiradentes em 1921
4. Palácio Monroe em 1921
Palácio Guanabara em 1927
5. Edifício Odeon – em 1929
Edifício A Noite – em 1930
6. Avenida Rio Branco – “Avenida Central – Biblioteca Nacional – Victoria com damas exibindo os trajes da época” – ano 1910 Guilherme Santos. clichê n.º 19.425.

IV – Paisagens

1. Passeio Público – 1914
2. Botafogo, ao fundo o Morro do Corcovado – 1916
3. Gávea. Pedra dos Dois Irmãos – 1919
4. Lagoa Rodrigo de Freitas em 1921
5. Baía de Guanabara durante o dia e em noite de luar

V – O Morro do Castelo

1922 – Área arrasada, cavaletes e calhas para correr a terra tirada do Morro com o jato d’água do mar. Em um clichê vê-se a Igreja dos Capuchinhos, ou São Sebastião do Castelo.

Um clichê mostrando o processo empregado no desmonte do morro histórico, aliás o jato d'água tirado do mar.

O Morro do Castelo é documentado antes de ser arrasado, durante o trabalho e as ruínas que ainda ficaram.

VI – O Morro de Santo Antônio

VII – Atividades do Esporte

Jogos de Futebol. O Campeonato Sul-Americano de 1919, em que aparece o desempate entre brasileiros e uruguaios no Campo do Fluminense.

Regatas na Praia de Botafogo.

Corridas de Cavalo no Derby Club

VIII – Acontecimentos de Importância Nacional e Internacional

1. Congresso Eucarístico de 1922.

2. Centenário de Independência

3. Chegada de Sacadura Cabral e Gago Coutinho – 1922

4. Chegada do Avião Jahu, em 1925

5. Chegada de D. Pedro de Orleans e Bragança em 1928 e trasladação dos restos mortais de D. Pedro II e de D. Teresa Cristina.

6. Revolução de 1930. Manifestações populares. Ataque à redação da “Gazeta de Notícias”.

7. Getúlio Vargas em 1931

8. O Zepelin em 1932

9. O batismo do “BRASILIEN CLIPPER” em 1934

Enfim, é uma belíssima coleção a cores e preto e branco.

Todas as lâminas se apresentam na mesma medida 10,5cm/4,5cm, contendo 2 fotos dúplices de 4,5cm/4cm.

Dois índices – o antigo confeccionado pelo próprio Guilherme Santos, ordenado numericamente de 1 a 19.549. Intitulados “clichês”. Sua documentação varia de 1908 a 1960.

Num outro arquivo está guardada outra coleção numerada de 1 a 20.000. Com um índice feito em 1974 por museólogas e anotando 9.684 “*chapas estereoscópicas*”. Neste segundo arquivo a documentação varia de 1914 a 1957.

A princípio parece-nos que são dois arquivos fotográficos totalmente diversos mas, encontraremos em ambos muitas chapas idênticas.

Desejamos que, após este comunicado muitos cinegrafistas, historiadores, pesquisadores em fotografias se dirijam ao MIS, para viverem um pouco deste Rio d'outorora, estudar a técnica empregada por esse fotógrafo para deixá-las até hoje em tão perfeito estado de conservação e tentar formar um conceito da história da fotografia no Brasil, principalmente no Rio.

É pequena a bibliografia da história da fotografia no Brasil, precisamos redescobri-la, valorizá-la para podermos mostrar os encantos do nosso Rio de Janeiro das primeiras décadas do atual século.

PERGUNTAS À PROF^a MAURA ESÁNDOLA TAVARES

1) *Tacila Toledo* (V.O. 3^a da Penitência): Qual o processo usado para a conservação das fotos? E dos negativos?

R.: Aqui no caso não são fotos, são lâminas de vidro e elas estão guardadas em pequenas caixas, como caixas de remédio, tampadas. Não sei se pelo desconhecimento desse acervo, elas estão limpas, sem fungos e intactas, no sentido de não se haver quebrado nenhuma devido ao pouco ou nenhum manuseio. Se começassem a aparecer um, dois, dez pesquisadores o acervo começaria então a se deteriorar. Faço portanto um convite aos pesquisadores, aos cinegrafistas, a quem gosta de fotografia para irem conhecer esse Rio dos primeiros 5 decênios.

2) *Cléa Pimentel* (Recife-PE): Por que essa coleção é do Museu e não do Arquivo Nacional se o mesmo possui uma seção especializada para esse material?

R.: Porque para inaugurar o museu havia necessidade de acervo e este acervo foi adquirido no Governo Carlos Lacerda. Em relação a detalhes não sei informar. A aquisição foi feita naquela época através do Banco do Estado da Guanabara. Também em relação à pessoa de Guilherme Santos poucos dados foram obtidos. Acreditamos que morasse em Petrópolis pelo índice deixado por ele e que, depois, se transferisse para o Rio. Em várias placas consta o endereço R. do Hospício nº 93. Não sabemos se esse seria o endereço de seu atelier, de sua residência ou de um laboratório fotográfico. Por isso digo: há necessidade de pesquisa; é um campo para um pesquisador, para um amante de fotografias e de história.

3) *Denise Amaral* (Rio): Por que não fazem diafilmes destes diapositivos para assegurar o acervo?

R.: Aí é o problema de verba. O Museu tem dificuldades incriveis. Ele vive de cursinhos, e o processo sairia caríssimo. Não há condições; inclusive o Museu pertence à Fundação Estadual de Museus e os recursos são divididos entre todos os museus, então o que cabe ao MIS é uma fração muito pequena. Penso que quem poderia melhor responder seria o Diretor do Museu que infelizmente não está aqui.

4) *Rilmo Wagner Assis* (Belo Horizonte-MG): O Museu da Imagem e do Som já possui um sistema de microfilmagem montado para o seu acervo histórico? Em caso negativo existe preocupação nesse sentido?

R.: Não possui. Quem poderá lhe dar maiores informações é a Prof^a Neuza Fernandes, diretora da FEMURJ.